ANO 23.º — Número 1176 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 25 de Julho de 1954

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro

Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão:
A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmento
Guimarães
— AVENÇA —

A brutal agressão perpetrada por um bando de mercenários e traidores contra a aldeia de Dadrá, na província portuguesa de Damão, causou viva repulsa no nosso País e terá provocado a maior indignação em todo o mundo onde os sentimentos de concórdia e de justiça não foram ainda postergados.

Embora o facto possa assinalar-se como consequência de acontecimentos lamentáveis que se vêm desenrolando e a que não é alheia a responsabilidade da União Indiana, não deixou, todavia, por inesperado e pelos aspectos de que se revestiu, de provocar forte reacção na consciência de todos os portugueses.

A atitude do nosso Governo, em face do comportamento insólito dos mentores indianos que dia a dia se revela numa inconcebível afronta aos nossos sagrados direitos, tem sido duma coerência absoluta, na serenidade de quem não tem a temer acusações da História, nem crimes de qualquer espécie.

A Civilização deve a Portugal as epopeias maiores que o mundo até hoje conheceu!

Goa, Damão e Diu são terras onde a soberania portuguesa não pode oferecer discussões. Somos senhores dos nossos destinos e temos orgulho do passado e da nossa personalidade de Povo sem problemas rácicos e territoriais — um Povo que sabe ocupar o seu lugar no concerto das Nações.

A Frente Unida de Goeses é um bando de aventureiros e de renegados, até certo ponto irresponsáveis por uma acção subversiva e provocadora que o Governo do sr. Nehru criminosamente apoia.

Acompanhamos, patriòticamente, o Governo da Nação nesta grave emergência e afirmamos-lhe o nosso aplauso e a nossa solidariedade, convencidos de que será esta a atitude de todos os portugueses, dignos deste nome, em face da brutal agressão.

A IGUALDADE

Já dissemos que em democracia a igualdade sobreleva o conceito da liberdade. Em absoluto, a liberdade é impossível na vida social; como vimos no artigo anterior, a liberdade, todavia elemento estrutural da democracia, tem de ser considerada em termos relativos.

O mesmo não sucede com a igualdade, desde que seja compreensivamente definida.

A igualdade em direito público não ignora nem desatende as diferenças naturais entre os homens na sua conformação física, intelectual e moral, nem nas suas aptidões. Nivelá-los a rasoura, sem ter em consideração a diversidade das qualidades que os caracterizam seria trair o Direito e, portanto, repugnante injustiça. A igualdade, sobretudo, está em que a lei seja a mesma para todos, sem distinções nem privilégios para ninguém. Que às mesmas condições correspondam sempre os mesmos direitos e temos a igualdade democrática. A igualdade sobrepõe-se à liberdade até na circunstância de que esta depende da primeira, no facto de que os homens não poderiam exercer livremente as suas actividades características sem que dispusessem legalmente de faculdades iguais de movimento.

Há quatro aspectos a considerar na igualdade, dentro do conceito democrático: a igualdade perante a lei, a igualdade perante a justiça, a igualdade perante as funções públicas e a igualdade perante o imposto.

A igualdade perante a lei consiste em que esta não distingue entre nobres e plebeus, entre clérigos e leigos, entre cristãos e maometanos; quer dizer: todos os indivíduos, sejam quais forem os seus títulos, riqueza, crenças ou posição social, estão sujeitos às mesmas leis civis, penais, militares, financeiras ou comerciais. Em paridade de circunstâncias ocorrentes, a lei é a mesma para todos. Não há privilégios fiscais nem judiciários e as funções públicas são acessíveis, por igual, a todos que reunam as necessárias condições de aptidão.

Na democracia socialista a igualdade abrange o campo económico, apropriando-se o Estado da terra e dos meios de produção para distribuir a riqueza, equitativamente, segundo o trabalho de cada um, e respeitando a todos o direito de desenvolverem livremente as suas capacidades.

Compreende-se, sem necessidade de explicação, o que seja a igualdade perante a justiça, desde que se saiba que há um só direito e uma única sanção para as suas infracções a que estão sujeitos, por igual e sem qualquer distinção de classe, todos os indivíduos.

Igualdade perante as funções públicas é o direito que se reconhece a todos de as exercerem desde que sejam aptos e a igualdade perante o imposto é a obrigação que a todos abrange de concorrerem para as despesas públicas segundo uma quota de distribuição em cujo cálculo só o elemento económico interfere.

E' difícil harmonizar o direito de propriedade, reconhecido em democracia como elemento de liberdade individual, com a igualdade, elemento estrutural da mesma democracia.

E' difícil mas é possível desde que se considere a propriedade dentro do conceito de que ela consiste essencialmente na liberdade do homem dispor de tudo quanto possa adquirir, em condições, as mesmas para todos, ao alcance de quem delas queira usar, para seu próprio proveito.

E' evidente que a lei tem que restringir o direito de propriedade aos limites que os interesses sociais imponham, e, desde que nessa regulamentação, com igual aplicação para todos, sem privilégios de qualquer natureza, se obedeça tão sòmente ao princípio de que a propriedade individual não deve brigar com a utilidade social, a igualdade, tal como ela é concebida em democracia, mantém-se intangível.

E assim o direito de propriedade cabe perfeitamente dentro da democracia, como forma de liberdade, compatível com a igualdade.

Supomos ter exposto o suficiente para, na modéstia das nossas intenções e possibilidades, e limitando-nos a resumir conceitos respigados em tratados que estão ao alcance de toda a gente, darmos uma ideia do que entendem por democracia os democratas conscientes e sinceros.

Não manifestamos a nossa opinião porque não quisemos sair do âmbito de imparcialidade rigorosa que julgamos convir a uma simples explanação de carácter exclusivamente elucidativo.

Mas temos uma opinião, bem firme e arreigada, e estamos sempre dispostos a batermo-nos por ela em todos os campos. Já o temos demonstrado, e continuaremos na liça, com energia e segura convicção, em todas as oportunidades.

M.

DR. HUGO DE ALMEIDA

Pediu a exoneração do lugar de Subdelegado da Comarca o sr. dr. Hugo de Almeida, que abriu banca de advogado, nesta cidade.

O Sr. Ministro das Obras Públicas

estudou com os seus engenheiros em Guimarães

assuntos que respeitam a esta cidade

Vindo do Porto, onde chegara na manhã desse dia, por via aérea, esteve na terça-feira, depois das 11 horas, nesta cidade, o sr. Eng.º Arantes e Oliveira, ilustre Ministro das Obras Públicas, que era acompanhado pelos srs. Eng.ºs H. Gomes da Silva, Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; Sá e Melo, Director Geral dos Serviços de Urbanização; Luís Benavente, Director dos Edifícios Nacionais de Lisboa; Sousa Viana e Duarte do Amaral, este último nosso distinto conterrâneo.

Uma vez chegado a esta cidade e sempre acompanhado pelas entidades acima, o membro do Governo dirigiu-se para os terrenos junto do Paço dos Duques de Bragança, em cujo local, no ponto voltado à parte nova da cidade, estudou, pormenorizadamente, o Plano de Urbanização recentemente aprovado pela Câmara e pelo Conselho Municipal.

Depois esteve na Praça do Município, agora chamada de Mumadona e na rua de S. Dâmaso, tendo passado pelo Museu Alberto Sampaio, a que fez uma rápida visita e regressando ao Porto a meio da tarde.

Ficamos esperançados de que da recente visita do titular da pasta das Obras Públicas, muito venha a resultar de benefício para Guimarães.

O Sr. Ministro das Obras Públicas, depois de ter estudado o Plano de Urbanização, dá uma indicação aos Engenheiros que o acompanharam.

Novo chefe da Circunscrição dos C. T. T.

Assumiu as funções de chefe da circunscrição de Exploração dos C. T. T. da Província o sr. Alfredo da Rocha Sá Pereira, que teve a amabilidade de nos endereçar os seus cumprimentos.

Agradecendo, desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Vamos a elas!...

Guimarães vai marcar, mais uma vez, a sua posição nos anais do seu bairrismo e, portanto, mais uma vez vai também recordar, com brilhantismo e opulência, a iniciativa de onde nasceu a realização das Festas Gualterianas, que são, para todos os efeitos, as já tradicionais Festas da Cidade. Recordando essa iniciativa, *ipso facto* se recorda, igualmente, aquele punhado de Homens que em 1906 deu início às referidas Festas, integrando-as no âmbito das suas aspirações como amigos dedicados desta terra, não obstante nem todos serem seus Filhos. Cheios de entusiasmo e de fervoroso Amor bairrista, conseguiram transformar em realidade a sua ardente vontade de engrandecer e prestigiar o nome de Guimarães, onde exerciam as suas actividades e onde o seu coração já tinha criado raizes de verdadeira e sincera afectuosidade social.

Foram, pois, esses Homens os obreiros da tradição das Festas Gualterianas e pena é que o nome de um deles — José de Freitas Costa Soares, continue a não ter a consagração que outros tiveram na galeria do preceito da gratidão que lhe é devida pela acção que desenvolveu como elemento trabalhador e valioso da antiga Associação Comercial e Industrial, então promotora das mesmas Festas.

Quanto aos outros — dos quais, felizmente, ainda se encontra vivo o sr. Camilo Larangeiro dos Reis, vimaranense pelo coração e modelo de uma vida exemplar em todos os aspectos que a mesma deve ser observada — todos tiveram a consagração que lhes era devida, facto que dignifica quem assim soube compreender o significado de tão elevado sentimento bairrista.

A realização das Festas representa, por isso, a continuidade do esforço e da dedicação daqueles que abriram caminho à projecção que as mesmas têm tido, projecção que nos últimos anos se alargou através de novos e vastos horizontes, graças a novas vontades e a novas energias.

No ano corrente, a sua realização foi confiada ao Grémio do Comércio e pelas notas que temos tomado e informações que temos colhido, não temos qualquer dúvida em afirmar que as Festas deste ano continuarão a ocupar lugar de primeira grandeza entre as que, com características regionais, se realizam no país. Assim o cremos e assim acontecerá para honra e glória de uma terra que não vive da vulgaridade, mas sim de um passado que vincou o seu rumo histórico e nacional.

A. B. C.

Presidente da República

Passou a 22 do corrente o 3.º aniversário da eleição do sr. General Craveiro Lopes para Presidente da República. Como chefe supremo da Nação, tem sabido conquistar o respeito e a consideração de todos os bons Portugueses, que vêem nele a imagem viva da Pátria e da República.

A S. Ex.ª apresentamos respeitosos cumprimentos.

Da minha gratidão

Boa nova foi para os vimaranenses a notícia de que a Direcção Geral dos Monumentos Nacionais vai este ano dispender uma verba avultada nas obras ainda não conclusas dos Paços dos Duques.

Como sei que nesta deliberação anda empenhada a boa vontade do Chefe do Governo sr. Dr. Oliveira Salazar, quero formular-lhe aqui o meu reconhecimento — tanto mais devido quanto é certo não representar este empenho oficial a resultante de qualquer esforço, em forma, dos organismos administrativos e representativos de Guimarães.

Com efeito, é manifesta a vontade de Sua Excelência em ver concluida esta obra, que é, por assim dizer, o complemento daquilo que está realizado quanto ao Castelo e respectivo parque circunjacente.

Na verdade todo o português que há visitado a colina onde assentam esses três monumentos, que tanto falam à nossa emotividade patriótica, é concorde em reconhecer que ali palpita, mais que em qualquer outra parte, a *ideia nacional*. E esta receptividade cívica é em nós, vimaranenses, mais fundamente sentida, pela circunstância feliz desse conjunto excepcional de monumentos ser o melhor, o mais vivo, o mais eloquente Roteiro da nossa Terra!

Razão por que façamos o que fizer em prol do embelezamento da nossa cidade, nada valerá mais que a presença limpa e cuidada da colina onde assenta o *Castelo*, a *Capela Real* e os *Paços Ducais*, bem assim o complemento do restauro deste último monumento que, — quem sabe — poderia vir a ser utilizado, não apenas em centro de festas solenes, de autêntico deslumbre nobiliárquico, mas também em Museu de Arte e História, que mais lhe faça realçar a sua expressão medieval.

Continua na 2.ª página.

«Diário do Norte»

Completou, no dia 20, o quinto ano da sua existência, este ilustre colega vespertino nortenho que, sob a distinta direcção do sr. dr. António Cruz, se publica na cidade do Porto.

Jornal de boa informação, de secções interessantes e variado, ele apresentou-se com um belo número distintamente colaborado.

Na pessoa do seu mui ilustre director, saudamos quantos lá trabalham, e desejamos as maiores prosperidades.

NOVO MÉDICO

Terminou o curso na Faculdade de Medicina do Porto, onde obteve sempre altas classificações, o sr. dr. Fernando Manuel Cordeiro de Sousa Torres, filho da sr.ª D. Helena Francisca de Araújo Cordeiro de Sousa Torres e do sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres, nosso prezado amigo e ilustre professor do nosso Liceu.

Ao novo Médico desejamos as maiores felicidades e a seus pais apresentamos cumprimentos de felicitações.

Festas da Cidade

Começam já no próximo Sábado, conforme programa que inserimos, as Festas Gualterianas, que a esta cidade devem atrair grande número de forasteiros e que prometem ser brilhantes, tendo-se iniciado já os trabalhos das decorações, que vão muito adiantados.

A *Marcha Gualteriana*, que percorrerá as nossas ruas na noite de 2 de Agosto, terá, este ano, a seguinte composição e organização:

ABERTURA

Arautos modernos — Grupo motorizado abrindo o cortejo com o ruído de suas motos, apresentando mais um conto das «Mil e uma Noites».

Carro «O Conto da Fada» — Das nuvens desce uma *fada* transportada em seu coche prateado tirado por dois *cisnes* que nos vai apresentar um figurado cheio de movimento e cor, mais um deslumbrante conto oriental. Era uma vez..... e o conto segue.

Mocidade em flor ao serviço da Marcha — Grupo distinto de gentis meninas abrem o cortejo ao som triunfal das fanfarras e tambores.

Figurado — Sinaleiros, polícias, operadores de cinema, fotógrafos, ardinas, caricaturas (figurado vivo), crocodilos (figurado vivo), cavaleiros afonsinos.

Carro da Cidade «Cavalgada Heróica» — (Dedicado à ex.ma Câmara Municipal, Grémio do Comércio e a todo o Concelho de Guimarães). A força indómita dos Portugueses de antanho, representada por 3 possantes *leões* levam de arrancada «D. Afonso I» a novas conquistas. Em «Salva de Prata» sustentada por 4 grifos, conduzindo o verdadeiro «Altar da Pátria» o Castelo de Mumadona, ao fundo a «Chama da Pátria», sempre acesa e ardente de heroicidade com mais de oito séculos de história.

Figurado — Banda de Música, cavaleiros afonsinos, Zés P'reiras.

Carro Titânia — (Dedicado aos grupos excursionistas portugueses). «A Deusa do Ar» é conduzida numa pétala de flor, puxada por dois «Esquilos».

Figurado — Lavradeiras, lavradores, rusga regional, garotos do bacalhau, borboletas, diabos.

Carro Fantasia Musical — (Dedicado ao grupo musical «Ritmo Louco» (Amadores). O nome diz: «Fantasia Musical» irá deleitar o público com as suas modinhas e canções brasileiras.

Figurado — Pato Donald, Panchito Alegre, Zés Cariocas, equili-

Continua na 4.ª página.

A verdadeira educação

VIII

Conclusão

Para uma boa e sólida educação é necessário uma verdadeira formação dos pais, dos educadores, em suma, e dum bom ambiente do lar. Este modela, disciplina o psiquismo da criança, todos os seus hábitos e a escola, sua continuadora, cimenta e desenvolve as boas tendências, corrigindo-as, aperfeiçoando-as.

A perversão tem a sua origem, quase sempre, no próprio seio da família. Observa Gustavo Le Bon, que a infância se caracteriza por uma excessiva plasticidade, que lhe permite *adaptar-se* a todas as variações do meio.

«Nenhum ser criado tem o poder de se subtrair inteiramente à influência do meio; boa ou má, ligeira ou profunda, sofre-a sempre», segundo Pierre Vallet («Evolução, Progresso e Liberdade»).

A criança é como um aparelho *receptor*. Mas, se é marcante e até nalguns casos decisiva a influência da casa paterna, de igual modo todo o ambiente da criança, o seu mundo exterior, a escola, os companheiros, a rua, a leitura de jornais, de livros ou revistas — a literatura infantil — o cinema, são *ondas*, digamos, que convergem a esse *receptor*.

Afirma-nos Cellérier (*Littérature Criminelle*), que as deduções da psicologia e a experiência prática ensinam-nos que a literatura criminal, no romance, no folhetim do jornal, tem o seguinte resultado:

«1.º — Iniciar a infância nos meios práticos de cometer o crime;

2.º — Sugerir-lhe a ideia do crime;

3.º — Transformar esta sugestão em acção, e numa acção muito característica, que é impossível não imputar a tal causa;

4.º — De uma maneira geral, diminuir o nível moral das gerações novas».

Isto parece incrível, diz-nos ainda Cellérier, mas os factos são assim mesmo. Não concordamos com a feição, a tessitura da quase totalidade dos nossos jornais infantis com aventuras policiais, crimes, roubos e tiros de permeio, para mais com gravuras, desenhos e ilustrações de todas essas peripécias.

E se a criança é, como dissemos, um autêntico receptor onde convergem todas as *ondas* do meio ambiente, compete à escola e ao educador não só auxiliar como completar a educação recebida em família, promovendo, desenvolvendo, estimulando no espírito infantil os hábitos de trabalho honesto e, concumitantemente, ministrando-lhe uma direcção espiritual que a conduza a uma vida moralmente sã.

A Família, a Escola e a Igreja são, podemos dizê-lo, as três grandes forças cooperantes, a trilogia do edifício educativo durante a juventude.

O conceito da velha Hélede — «mens sana in corpore sano» — um espírito forte num corpo são e rubusto, esse perfeito equilíbrio, eis a formação integral da juventude.

Desenvolvamos-lhe, com a disciplina, a sua cultura física, sem dúvida, mas modelando-lhe o carácter, tonificando o espírito da sua saúde moral, guiando-lhe os passos para o calor e luz dos grandes ideais — o amor, o perdão, a caridade — e orientando-a no culto da Família e no acrisolado e mais fervoroso amor da Pátria!

S. Torcato, 19-7-54.

PROF. J. MARTINS LIMA.

Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira

CONVITE

A pedido da Irmandade de São Gualter, cuja procissão se realiza no próximo dia 1 de Agosto, e com a anuência das Ex.mas autoridades religiosas e ainda como integração nas Celebrações Marianas, vai a nossa Veneranda Irmandade incorporar-se com a Divina Senhora naquela procissão, pelo que, por Fé, Brio e Bairrismo convido e peço a todos os confrades se incorporem no máximo número naquele luzido cortejo, honrando a Nossa Padroeira e dando assim mais brilho às Festas Gualterianas.

Guimarães, 20 de Julho de 1954.

O Juiz, 316

Torcato Mendes Simões.

Da minha gratidão

Continuação da 1.ª página

Também assim pensa e quer, em sua superior inteligência, o sr. Dr. Oliveira Salazar. Nesta grata convicção vivo e quero viver...

Aquelas tapeçarias sumptuosas que nos actos soleníssimos ali celebrados, ano passado, na comemoração do nosso Milenário, forraram as faces parietais de um dos salões dos Paços, parece que no bom entendimento do Chefe do Governo ali ficariam à maravilha, em aplicação definitiva, e não em utilizações de regime festivo e provisório. Elas, por si, que constituem lição de alta cultura — pois são famosas pela sua iconografia, pela sua figuração historiada, pela sua arte sumptuária — trariam consigo outras jóias em pintura, em cerâmica, em talha, em ferro forjado, em brocado, em bronze, assim se completando e valorizando o citado monumento arquitectónico do século XV.

Feito isto, justificar-se-ia, viria muito a propósito transformar a capela dos citados Paços em moldura tumular da Duqueza Constança de Noronha — Dona e Senhora que ali viveu algumas dezenas de anos derramando bálsamos de bondade aos enfermos com as suas miríficas «ervas santas», pelo que entrou na posteridade aureolada como Santa.

Alcançada esta série de utilizações práticas e permanentes tão ajustadas ao grande palácio ducal, terá Guimarães conquistado mais um motivo atractivo para seu perpétuo renome — visão esta de tanta magnitude e grandeza que, certamente, terá perpassado no espírito do sr. Dr. Oliveira Salazar, de sua natureza inclinado para os grandes quadros apoteóticos de fundo nacional.

Quanto ao mais, tomem os senhores édis do Município a seu zelo e cuidado promover a conservação e arranjo do parque à volta do Castelo, simultâneamente completando-o para além do Campo de S. Mamede, pois é para ali, para a colina onde nasceu Portugal, que se dirigem em romagem todos quantos nos visitam — como tanto à evidência se patenteia pelas inúmeras excursões de carácter pedagógico e turístico, vindas das mais longínquas terras portuguesas, de entre as quais se notam grupos de estrangeiros, atraídas pelo remoto, pelo arcaico, pelo antigo, que é a linguagem das pedraa dos monumentos.

A. L. DE CARVALHO.

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

V

As actividades exteriores que mais interessavam os vimaranenses, eram a Missa dominical, que foi obrigatória, o Juramento de Bandeira, as Procissões a que comparecia a tropa, os exercícios gerais e a Música no Jardim.

A Missa dominical foi obrigatória para todas as praças, em formatura, acompanhada da Banda de Música e realizava-se, excepto nos dias de Juramento de Bandeira e em outras ocasiões solenes, na Igreja dos Capuchos, a do actual Hospital da Misericórdia, e celebrada habitualmente pelo capelão do Regimento o capitão-capelão R. P.e Fiuza, e nos seus impedimentos pelo capelão do Hospital, o considerável, respeitado e conhecido R. P.e Casimiro.

A essa formatura, porque a Missa era considerada para efeitos de serviço como uma «formatura», compareciam todas as praças que estivessem de «nada» (termo que os soldados empregavam para dizer que não tinham serviço designado) e era precedida dos respectivos toques em grande estilo, e depois verificada com a chamada para anotar as faltas.

Antes de sair do quartel havia a revista de «roupa lavada» que consistia em os soldados arregaçarem os canhões das mangas das fardas para mostrar que tinham mudado de camisa, que era a única peça de vestuário verificável na ocasião.

Naquele tempo as instalações higiénicas, quer no quartel, quer em toda a cidade, deixavam muito a desejar.

Esboçavam-se aqui e acolá umas tentativas muito tímidas de introdução de certos preceitos higiénicos, que só as novas edificações têm difundido no meio vimaranense.

Quando muito uma ou outra família teria uma banheira instalada em aposento apropriado, mas na generalidade era o alguidar ou as bacias de zinco que remediavam as necessidades da hiegiene corporal.

No quartel nem isso, nem coisa que se parecesse, tirando, é claro, uns lavatórios nas casernas.

Estas faltas de práticas higiénicas estavam ligadas a certos preceitos enraizados na educação ancestral e só muito lentamente se vão dissipando, tanto que em Guimarães não há um balneário público, pelo menos com essa finalidade, quando muito os que a Lei manda construir nas fábricas, mas, parere-me, de reduzida frequência.

Presentemente os quartéis, quer os novamente construídos, quer os antigos, são dotados de balneários com água quente e fria, e dessa forma a tal revista a que acima me refiro não teria razão de ser.

A tropa saía do quartel comandada pelo oficial de «Inspecção», como dantes era designado o oficial de serviço diário, toda desarmada, levando à frente a Banda de música, precedida ainda da Guarda de Honra ao Altar, que essa ia armada de espingarda.

Esta Guarda de Honra era comandada pelo quarteleiro geral, o cabo Tomaz, e constituída pelos quarteleiros das Companhias, geralmente embigodados, como habitualmente se apresentavam os militares.

Houve uma época em que se usaram os bigodes «à Kaiser», encerados e com as pontas agressivamente levantadas, depois de perderem de moda os «à Napoleão III», que as dirigiam horisontalmente, para passarem aos «à Americana», em que as pontas foram cortadas e aparados acima do lábio, e actualmente esse marcial ornamento desapareceu.

Não falando na «pera», na barba «à Guise», que só um ou outro usava e a característica «mosca», já atributo de oficiais superiores, de major para cima, desses que usavam esporins a amparar as calças esticadas.

Os subalternos, aspirantes, alferes e tenentes, é que usavam petulantemente os bigodes «à Kaizer», algumas vezes acrescentado de um reprilhante monóculo.

Tudo desapareceu e já não é necessária a autorização, que se requeria, de «modificar o talhe da barba», porque toda a gente, incluindo os militares, usa a cara rapada.

Marchava a tropa ao som da música e acomodava-se na nave central da Igreja, enquanto a Banda seguia para o coro a ocupar o seu lugar, onde já havia bancos e estantes para esse efeito.

A Guarda de Honra, à voz cavernosa do cabo Tomaz «fila direita à direita, fila esquerda à esquerda marche» tomava posição de um e outro lado do Altar-mor.

Chegava o sacerdote, geralmente acolitado por um sargento ou cabo, e começava a celebração, ao mesmo tempo que no coro a Banda regimental encetava o seu concerto de uma Sinfonia ou Abertura, que as mais das vezes era a do Tanhauzer.

Logo que a campainha tocava a «Santos», o comandante da força mandava «sentido» e o cabo Tomaz, que desde o início da Missa tinha a sua Guarda em «sentido», ordenava «braço arma», posição de continência que nunca mais se usou, e era um quebra-cabeças dos candidatos ao posto de sargento na descrição do seu complicado número de movimentos.

Enquanto durava a cerimónia da Elevação da Hóstia e do Cálix, e logo que a campainha do acólito advertia do seu início, a música calava-se no coro, o oficial mandava «ajoelhar», os corneteiros tocavam a marcha de continência, com certo susto e escândalo das velhas devotas, e o cabo Tomaz com a sua voz retumbante ordenava «em adoração-arma», movimento em que os soldados ajoelhavam sobre um joelho, ao mesmo tempo que inclinavam e repousavam a espingarda sobre a mão que se apoiava no joelho levantado.

Tudo isto completava um quadro espectacular, sonoro e colorido e ingénuo, em que sobressaía lá no alto o humilde sacerdote a celebrar.

Ao findar as «Elevações», o oficial à tropa da Igreja, e o cabo Tomaz à sua Guarda de Honra, ordenavam «levantar», calavam-se os corneteiros com o toque de continência, e a Banda, lá no coro, retomava a Sinfonia interrompida.

Terminada a cerimónia retirava então a tropa, depois do cabo Tomaz, na sua voz de «baixo», ter ordenado as manobras necessárias para se colocar à frente da Banda, que já esperava no pátio a voz de «marche» do oficial de «Inspecção».

Foi assim que nos meus olhos de menino, há muito mais de cincoenta anos, ficou gravado este quadro, quando minha Mãe me levava a essa Missa, que era o meu encanto, e o desgosto e o escândalo de certas velhotas desalojadas do seu poiso habitual pela invasão da tropa.

Continua.

Jugueiros — Felgueiras,
15 de Julho de 1954.

A. DE QUADROS FLORES.

Cantinho de... graça

Nota:

Peço licença para ser um pouco poeta ou assim a modos de escritor — formidável. E' só um poucochinho.

Aijâ Zus!

Já brilhavam no firmamento as estrelas. A lua — sentinela avançada nas suas alturas — espargia com suavidade o seu luar diáfano para a terra que sorria para ela. Andava no ar um aroma embriagador que a brisa transportava.

Há pouco havia tocado a silêncio no quartel. Feita a pernoita — verificadas as presenças e as faltas do recolher — fez-se a rendição dos postos de sentinela. Fechou-se a porta das armas.

(Mais um bocadito de literatura e poesia)

A noite continuava calma. A brisa continuava a ser embriagadora e eu... vou continuar.

— Sentinela... Alerta ?!

.....

Eram já 24 horas.

.....

— Sentinela... Alerta ?!

O outro posto não respondia.

— Sentinela..... Alerta ?! — bradava o posto n.º 1; e o posto n.º 2 — moita.

— Alerta ?...

O sr. oficial de dia, verificando a insistência da sentinela, resolve inquirir. Dirige-se à porta das armas e lá estava o sargento — o cabo da guarda e algumas praças.

— Que há ? — perguntou o sr. tenente.

— Não sei, meu tenente, mas já me estava a preparar para ir até onde está o posto 2.

— Vamos — ordenou o sr. tenente.

Aproximaram-se do posto. Ouviram a sentinela inquirir:

— Quem vem lá ?

Trocada a senha e o santo e a contra-senha, o sr. oficial perguntou ao soldado — este soldado era um alentejano que até estava na graça dos seus superiores — Mas, pergunta o sr. tenente: Porque abandonaste o posto ?

— E' cá ná abandoné nada mé tinente.

— Não abandonaste ?

— Ná senhôre.

— Vá, diz lá a verdade e eu não te castigo — onde foste ?

— Poi — é cá ná sai — tive sempre aqui hôme.

— Então, se estiveste sempre aqui, com certeza ouviste o teu camarada a chamar por ti nos quartos de sentinela.

— Ah! sim senhôre é cá 'stou ouvi-lo á um rôr de témpo.

— E não lhe respondes ? — perguntou o sr. tenente, já fora de si.

— E' cá ná senhor.

— E' boa — porquê ?

— E' qué ando mal co'ele e ná le quero falar.

Aijâ Zus!

FESTEJOS ao S. Cristóvão

Iniciaram-se ontem, com vários actos festivos, as festas dos motoristas em honra de S. Cristóvão, as quais prosseguem hoje, conforme noticiámos, com solenidade religiosa, festival durante a tarde, etc.

Ontem houve arraial com fogo, música e iluminação, tendo-se efectuado o tradicional jantar de confraternização, a que também assistiram diversos convidados, decorrendo o repasto em ambiente de muita alegria.

Agradecemos o convite que nos foi endereçado.

Carta aberta ao Director

Prezado Amigo:

O seu *Notícias* de 9 de Maio, que agora recebi, põe mais uma vez à consideração de todos uma longa série de urgentes necessidades, que têm trazido à nossa terra um sem número de contratempos, que a muitos pode parecer invencível.

Apesar da distância, não nos tem sido indiferente o progresso de Guimarães e o bem estar das suas gentes. Atento a tudo, vivo as suas alegrias e tristezas.

Aproveitando a estadia em Lourenço Marques, do meu ilustre colega Eng.º Pinto da França, autor do «Projecto de Abastecimento de água à cidade de Guimarães», procurei o esclarecimento de valor e que julgo indispensável para o problema da água, a que se refere a local do «Notícias», a que me reporto.

A' maneira de entrevista, dou-lhe conhecimento do «assunto muito grave», para que fique esclarecido o problema e se possam tomar as medidas necessárias para o resolver.

Se para uma grande parte dos meus conterrâneos não é matéria desconhecida o que se aponta, para outros, porém, necessário se torna o esclarecimento.

— Como é do seu conhecimento, colega Pinto da França, quando teve de se dedicar ao estudo do problema do abastecimento de água a Guimarães, verificou que os serviços de abastecimento eram muito deficientes e impróprios de um centro populacional e industrial da categoria da cidade.

Dos trabalhos dos ilustres geólogo Paul Choffat, Eng.º Oliveira e Sousa e Dr. Manuel de Vasconcelos, bem conheceu as dificuldades de captação das águas da Penha e Santo Antonino, para solução única e económica do problema.

Pode-nos dizer se da solução prevista pelos srs. Dr. Manuel de Vasconcelos e Eng.º Oliveira e Sousa, e que afinal foi a solução que preferiu, aproveitamento das águas do Rio Ave, resultou o caudal necessário à vida da cidade, nos seus múltiplos aspectos?

— Com certeza. Como o colega sabe, procedeu-se a pesquisas prévias nas margens do rio e a ensaios de caudal, dos quais resultou o dimensionamento das obra de captação.

Estas asseguram, com larga margem, o volume diário de água suficientemente para a população que a cidade comportará nas próximas décadas.

E quando assim não fosse, a multiplicação das unidades de captação, poços, ou a directa apropriação da água do rio, resolveriam ràpidamente o problema.

— Quere dizer, então, que é já grande o progresso, comparado com a época em que a capitacão não ia além dos 30 l./dia para a população (não falando nas estiagens de 1945, em que quase chegou a metade — oh Céus!), comparada com a do projecto que dá uma capitação global disponível dos 220 l./dia e que descerá a 150 litros quando a população da cidade subir a 17.000 habitantes?

— As capitações que me recorda, ainda não foram atingidas nas nossas cidades e são garantidas para as épocas de maior estiagem e dias de maior consumo, a qualquer hora. Que dizer-lhe, pois, além de lembrar esse passado, ainda bem recente, em que Guimarães mal dispunha, em certos dias, de 200 metros cúbicos de água? O progresso de que fala pode cifrar-se entre 10 e 15 no que respeita a disponibilidades em água, pois tudo foi disposto para lhe fornecer 2.500 metros nas piores condições de solicitação.

— Quere dizer que logo que as fases previstas para as três zonas da rede de distribuição estejam realizadas, o problema fica totalmente resolvido?

— Sim e não.

Sim, porque a entidade distribuidora, a Câmara Municipal, fica habilitada a fornecer toda a água que lhe for pedida.

Não, porque a população não estará apetrechada capazmente para adquirir e utilizar còmodamente toda aquela de que carece.

Ausente, como estou, da Metrópole há cerca de três anos, não sei bem o que se tem feito para resolver completamente a questão do abastecimento da cidade, mas presumo que ainda se utilize parte da antiga rede de tubos metálicos, velha, insuficiente e obstruida. Já aqui se perderá muita carga, o que corresponde a ter os reservatórios em terrenos muito mais baixos e, consequentemente, a que a água se eleve nos prédios de forma deficiente, ou chegue até a não se elevar por virtude de consumos importantes verificados a montante.

Depois, pode haver válvulas antigas, cujas adufas estejam caldeadas nas suas sedes e em condições de obturarem a passagem da água. Eu próprio, em Guimarães, tive ocasião de observar alguns casos destes, que então se remediaram.

Mas o que há, de certeza, é a necessidade de remodelar quase todos os sistemas de canalizações privativas dos prédios, incluindo os seus ramais de ligação à rede pública.

As tubagens são, de uma maneira geral, muito velhas, de diâmetros muito insuficientes, tuberculizadas, e cheias de acidentes que lhes reduzem, numa extensão dificilmente compreensível para o leigo, a sua capacidade de vazão. Lembro-me de uma casa que habitei em Lisboa, onde a altura de água na rede pública era da ordem dos 30 m., e onde dispunha de um esquentador a gás que funcionava automàticamente com a passagem da agua; pois quando outra torneira de montante se abria, o esquentador não funcionava por falta de pressão.

O Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água de Guimarães prevê os calibres de todas as canalizações privativas dos prédios, de acordo com o número e natureza dos órgãos de utilização.

A rede geral da cidade, dividida em três andares, assegura alturas de água que cobrirão, com folgas de alguns metros, os mais altos espigões dos telhados das casas mais altas, e nos dias de consumo mais desfavoráveis, para as futuras população e capitação.

O problema reside, pois, exclusivamente, em terminar a montagem

«Malta 16 de Julho»

Realizou-se no domingo, na estância da Penha e no seu local, a festa da «Malta 16 de Julho», comemorando o seu 10.º aniversário. Festa viva e alegre ela contribuiu em muito para dar àquele local e vizinhanças um ambiente de verdadeira confraternização.

O local festivamente engalanado, foi dotado ainda com dois alto-falantes que difundiram boa música, principalmente da parte de tarde.

Cerca do meio dia, e depois da missa campal, foi a imagem de S. Sebastião conduzida por «maltezes» e em procissão para o local da «Malta» onde o Arcipreste desta cidade fez a intronização do Santo na gruta privativa daquele grupo recreativo, tendo no final dirigido a todos uma entusiástica alocução.

Pelas 1,30 horas e sob a presidência da respectiva direcção e dos párocos da Penha e de Creixomil foi servido o almoço que decorreu com alegre animação tendo usado da palavra os «maltezes» Joaquim Garcia, José Machado e Manuel Policarpo, que foram aplaudidos. Por fim, usou da palavra o sr. Reitor de Creixomil.

Durante a tarde foram o local e a gruta muito visitados, todos se retirando com as melhores impressões sobre a actividade e bom gosto que ali tem empregado a «Malta 16 de Julho».

Correios e Telégrafos

Durante a ausência, em gozo de licença, do estimado Chefe dos C. T. T. nesta cidade, sr. Julião Carneiro da Silva, encontra-se a desempenhar aquelas funções o funcionário sr. António Ferra.

Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Realizando-se no dia 1 do próximo mês de Agosto, com a maior imponência, a Procissão de S. Gualter, incluida no programa das Festas da Cidade, tenho a honra de convidar todos os Irmãos a incorporarem-se no mencionado préstito religioso, que sairá da nossa Igreja pelas 17,30 horas.

Guimarães, 21 de Julho de 1954.

O Provedor,

António José Pereira Rodrigues. 317

Para INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS de qualquer género consultem:

J. MONTENEGRO

TUDO PARA ELECTRICIDADE
= ORÇAMENTOS =

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES 224

de rede pública e rever à face do Regulamento, modificando-as, sempre que necessário, as redes privativas dos prédios e seus ramais.

— Ainda bem que o colega toca em tal assunto. Diz o *Notícias de Guimarães* que «o problema do abastecimento da água parece não estar perfeitamente solucionado; ...diz-se que a luzalite não aguenta a pressão; a água não chega aos terceiros andares da parte baixa da cidade, nem ao rés-do-chão dos pontos altos».

Sendo assim, é realmente «muito grave» o assunto e por isso agradeço o esclarecimento.

Pode-nos dizer se foi indicado no projecto que elaborou algumas directrizes tendentes a rever as canalizações particulares, de distribuição domiciliária, para que o problema se resolvesse totalmente?

— Creio que sim, embora não possa recordar aqui o que porventura se teria dito.

O que lhe posso afirmar é que o Regulamento privativo deste Serviço prevê tudo o que há a fazer, e creio que isso se resume a dar-lhe execução, embora progressivamente, começando pelos pontos pior servidos e dando as maiores facilidades financeiras possíveis aos proprietários de prédios, menos favorecidos da Fortuna, no que se refere aos ramais de ligação.

Quanto à tubagem luzalite, se se tem verificado acidentes, ou são vulgares ou próprios da entrada em serviço de uma nova rede, qualquer que seja o seu material, ou resultam de deficiências de montagem que importa corrigir. A tubagem em causa tem já prestado em Portugal tantas e tão boas provas que não carece de qualquer defesa.

Creia, meu caro colega, que Guimarães, quando tiver o seu abastecimento totalmente executado e os seus prédios devidamente apetrechados no sentido que atrás indiquei, poderá considerar-se uma das cidades melhor abastecidas do País.

— Julga, então, suficiente que os meus conterrâneos se certifiquem das pressões nas tomadas de água, para concluirem que a pressão é mais que suficiente para chegar, não ao último andar, mas aos telhados de suas casas?

— Estou certo disso, na condição, porém, que esses prédios já sejam abastecidos pelas novas canalizações previstas no projecto.

— Fico-lhe muito grato, colega Pinto da França, pelo seu «esclarecimento» sobre um dos magnos problemas que tanto afligiu Guimarães durante tanto tempo.

*

Vendo bem as coisas, com calma e objectividade, não podemos deixar de concluir que, como quase sempre, muitos dos problemas por resolver da nossa terra só podem encontrar solução se cada um de nós tiver força suficiente para combater desânimos e comodismos próprios, que parecem tão arreigados na nossa terra.

A iniciativa particular é necessária à Câmara, para que lhe permita um maior poder de realizações.

Manifestando-se essa iniciativa, compete, então, ao Município, facultar zonas de acção a todas as actividades.

No caso presente, havendo a Câmara resolvido, à sua parte, o problema do abastecimento de água, urge, então, aguardar que cada um de nós complete a solução do problema, mandando rever e substituir a sua canalização domiciliária, por ser velha e de secções por demais insuficientes.

Envio-lhe, caro amigo, os meus melhores cumprimentos e subscrevo-me com toda a consideração e estima,

MENDES DE ALMEIDA
Eng.º Civil

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 26, as sr.as D. Violante Vilaça Ferreira, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira, residente no Porto, e D. Maria de Jesus da Silva Guimarães, esposa do nosso bom amigo sr. Hiliodoro de Freitas Guimarães; no dia 27, as sr.as D. Julieta Teixeira Mendes, D. Maria José Ribeiro Jordão e D. Docinda Helena Queiroz Fernandes, e o nosso bom amigo sr. António José Trindade; no dia 28, a sr.ª D. Raquel da Silva Correia Costa, esposa do nosso bom amigo sr. Francisco Alberto Costa, do Porto, o nosso ilustre camarada sr. Eduardo de Azevedo Machado, Director do «Comércio de Guimarães», o nosso bom amigo sr. Manuel Francisco Ribeiro, de Lisboa, e a menina Elvira Adelaide, filha do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro; no dia 29, mesdemoiselles *Maria Adelaide de Freitas Costa, Quitéria Ana da Cunha Machado, filha do nosso bom amigo sr. Joaquim António da Cunha Machado, e Maria da Guia Sá Dias, filha do nosso bom amigo sr. Humberto Dias Pereira, e o nosso bom amigo sr. José Faria de Almeida, de Santo Tirso; no dia 30, a sr.ª D. Maria das Dores Gonçalves Cardoso, esposa do nosso bom amigo sr. Carlos Alberto Cardoso; no dia 1 de Agosto, os nossos bons amigos srs. Salvador M. de Araújo Dantas e Carlos Gonçalves da Silva.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Delfim de Guimarães — *No dia 29, faz anos este nosso querido amigo e distinto colaborador, residente em Vila Nova de Gaia, a quem queremos abraçar, com os melhores votos pela continuação de sua saúde e prosperidades.*

Pedido de casamento

O ilustre professor do Liceu sr. dr. Aventino Leite de Faria e sua esposa, na passada 2.ª-feira pediram em casamento para seu filho o distinto médico sr. dr. Gonçalo Brandão Leite de Faria, a mão da gentil vimaranense sr.ª D. Maria do Carmo Cabral Paúl, filha do distinto director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, o sr. Gaspar Ferreira Paúl e de sua esposa a sr.ª D. Emília Cabral Paúl, devendo o enlace realizar-se muito brevemente.

Felicitamos os noivos e suas famílias e antecipadamente lhes desejamos muitas felicidades.

Baptizados

No dia 17 e na igreja paroquial de Santa Eulália de Nespereira, baptizou-se uma filhinha da sr.ª D. Maria Elvira Caldas Jordão Penafort e do sr. Camilo de Cintra Penafort, que recebeu o nome de Maria Manuela.

Foram padrinhos os avós maternos o sr. António Lage Jordão e sua esposa a sr.ª D. Maria Sofia da Costa Caldas Jordão, tendo sido celebrante o rev. P.e Luís Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio.

— Na quinta-feira e na paroquial de S. Pedro de Azurém, baptizou-se uma filhinha da sr.ª D. Cacilda da Silva Lima Pires e do sr. José Luís Pires, que recebeu o nome de Isabel Maria.

Foram padrinhos a tia materna sr.ª D. Maria do Carmo Lima, e o importante industrial em S. Martinho do Campo (Santo Tirso), sr. Abílio Ferreira de Oliveira.

— Na igreja da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio, baptizou-se, na 5.ª-feira, um filhinho do nosso bom amigo sr. Francisco Belino Pereira Mendes e de sua esposa a sr.ª D. Guilhermina Gonçalves da Cunha P. Mendes, que recebeu o nome de António.

Foram padrinhos, Nossa Senhora, representada pela tia materna sr.ª D. Elvira Matos da Cuha, e o avô paterno sr. Domingos Pereira Mendes.

— Na igreja paroquial de N. S.ª da Oliveira, recebeu as águas baptismais, na passada sexta-feira, uma filhinha, a primogénita do sr. Manuel Carlos Mendes Simões, hábil guarda-livros e de sua esposa a sr.ª D. Maria Alice Soares Vilas Boas Mendes Simões.

Serviram de padrinhos o avô materno sr. Manuel Soares Vilas Boas e a avó paterna sr.ª D. Maria Cândida Mendes Simões. A neófita recebeu o nome de Maria Gabriela.

Bodas de Prata

Festejam hoje, em ambiente familiar, as Bodas de Prata do seu casamento, a sr.ª D. Maria Ester da Costa Rodrigues Dias Pereira e o sr. Aníbal Dias Pereira, conceituado comerciante local.

Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos com os melhores votos de muitas prosperidades.

Partidas e chegadas

Inspector do Banco N. Ultramarino — Em serviço de inspecção ao Banco Nacional Ultramarino, encontra-se nesta cidade o sub-inspector do mesmo estabelecimento, sr. Carlos Baptista Annes Serra.

*

Vindo do Rio de Janeiro, com pouca demora e depois de uma digressão pela Europa, encontra-se entre nós, de visita a pessoas de família, o nosso estimado e bom amigo sr. Alfredo Teixeira Pinto, a quem abraçamos, rejubilando com a sua grata visita.

— Com sua esposa regressou da Curia o nosso bom amigo sr. António Pádua da Cunha Monteiro.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Francisco Leitão de Carvalho, conceituado comerciante no Porto.

— Regressaram de Vichy os nossos bons amigos srs. Fernando Lage Jordão e sua esposa, Augusto Pinto Lisboa e Joaquim de Sousa Oliveira.

— Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Bráullo Teixeira Carneiro.

— Tem estado na Curia a uso de águas o nosso bom amigo sr. José Guimarães, do Porto.

— Com sua família tem estado na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. João de Almeida.

— Regressaram da Curia os nossos bons amigos srs. António José Pereira Rodrigues e Antero H. da Silva.

— Com sua esposa regressou de Mondariz o nosso bom amigo sr. Aníbal Dias Pereira.

— Com sua família encontra-se em Espinho o nosso prezado amigo sr. António d'Assunção Neves.

— Regressou de Caldelas o nosso prezado amigo sr. Egídio Alvaro da Costa Pinheiro.

— Esteve nesta cidade e deu-nos o grato prazer da sua visita, que muito nos penhorou, o nosso querido amigo e colaborador sr. P.e Domingos José da Costa Araújo.

— Com sua esposa partiu a gozo de férias para Melo (Serra da Estrela), o nosso prezado amigo sr. Julião Carneiro da Silva, digno Chefe dos C. T. T..

— Têm estado em Lisboa os nossos amigos srs. José Rodrigues Guimarães e Albano M. Coelho de Lima.

— Encontra-se a uso de águas nas Caldas de Aregos o nosso bom amigo sr. António de Freitas Castro, Despachante Oficial no Lobito.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Constantino Lira, de Felgueiras.

— Com sua esposa regressou do estrangeiro o nosso prezado amigo sr. dr. Bonfim Martins Gomes e Silva.

— Com sua esposa esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

— Tem estado na Póvoa de Varzim a família do nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Operação no Brasil

No Rio de Janeiro, foi operada, recentemente e com muito êxito, da vista, por um consagrado cirurgião espanhol, a sr.ª D. Lêa de Sousa Guise, filha do nosso querido amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento

Doentes

Esteve bastante incomodado, mas já se encontra, felizmente, quase restabelecido, o nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Tem passado ligeiramente doente o ilustre director do Museu Alberto Sampaio sr. Alfredo Guimarães.

— Continua incomodado o nosso querido amigo sr. Jerónimo Sampaio.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Falecimento no Porto

No passado dia 15, faleceu, na cidade do Porto, e na sua residência à rua Ciríaco Cardoso, 446, o sr. Germano da Costa Paiva. O extinto, que contava 74 anos de idade, e foi durante anos mestre de tinturaria na Companhia de Salgueiros, da mesma cidade, era irmão das sr.as D. Beatriz de Paiva Costa Guimarães e D. Zulima da Costa Paiva Pimenta, e cunhado do sr. Rodrigo Pimenta.

Os nossos sentimentos à família dorida.

Eduardo A. Reis Guimarães

Com 80 anos, finou-se, no Porto, o sr. Eduardo A. Reis Guimarães, antigo proprietário do Bazar Turco, que contava nesta cidade muitas relações.

De luto

Pelo falecimento de um seu irmão e tio, guardam luto, respectivamente, os srs. Jaime José Fernandes e Armindo Maria Fernandes e Herculano José Fernandes.

Os nossos pêsames.

Vida Católica

Festa em honra do Beato Nuno de Santa Maria

Vai o Santo Condestável receber dos Escutas da cidade e concelho uma significativa homenagem, no dia 8 de Agosto, com um programa que muito será do seu agrado.

No dia 7 daquele mês, às 21 horas, concentração na cerca do Hospital.

A's 22 horas, Velada de Armas, na Igreja de Santo António dos Capuchos, com alocução.

No dia 8, às 8 horas, Missa e Comunhão geral, na mesma igreja.

A's 10 horas, concentração na Parada dos B. V., seguida de desfile pelas ruas da cidade em direcção aos Paços dos Duques de Bragança e Guimarães. A's 11 horas, bênção solene duma formosa imagem do Beato Nuno, missa Campal, nos claustros dos Paços dos Duques, com sermão pelo rev. dr. P.e José de Jesus Ribeiro, ilustre Assistente das Unidades de S. Sebastião. A's 16 horas, concentração nos Paços dos Duques de Bragança e Guimarães, sessão solene e «Coro Falado». Procissão com a Imagem do Beato Nuno para a igreja de S. Dâmaso, sendo o andor conduzido por Escutas. Ao recolher a procissão, haverá uma alocução, concluindo com a bênção eucarística.

A Peregrinação dos Sindicatos à Penha

Como estava anunciado, realizou-se no domingo, promovida pelos Sindicatos Nacionais, uma Peregrinação à Penha, em que tomaram parte além dos Escutas e duma banda de música, algumas centenas de filiados dos referidos organismos e alguns Patrões, tendo o cortejo atravessado a cidade em direcção à Montanha, pouco depois das 9 horas da manhã.

Na montanha, no Largo da Comissão, houve, à chegada Missa Campal, na qual o rev. dr. José de Jesus Ribeiro proferiu uma notável alocução.

De tarde houve, com grande concorrência dos trabalhadores, uma sessão pública, em que usaram da palavra diversos operários.

Missa Nova em Creixomil

Na paroquial de S. Miguel de Creixomil, canta hoje a sua Missa Nova, o neo-presbítero rev. José Fernandes, filho daquela freguesia, devendo a cerimónia revestir-se de muita solenidade.

S. Vicente de Paulo

Na passada segunda-feira, dia 19, as Conferências de S. Vicente de Paulo da freguesia de N. S.ª da Oliveira, mandaram celebrar duas missas em honra do seu Padroeiro, pelas 7 e 8 horas, com a assistência de todos os vicentinos.

Hoje haverá na paroquial de S. Sebastião, uma reunião vicentina promovida pelo conselho particular, constando de Missa resada, pelas 10,30, seguindo-se uma assembleia num dos salões anexos à igreja, em que tomam parte todos os membros activos desta prestante obra de assistência, e bem assim os pobres socorridos.

Santa Ana

A festividade de Santa Ana, que deveria realizar-se hoje pelas 10,30 horas, fica adiada para o dia 2 de Agosto à mesma hora.

Novo Armazém de Papéis

Recebemos uma circular da firma Gomes Alves, F.º & C.ª, L.ª, desta praça, em que nos participa a abertura de um Armazém de Papéis.

Felicitamos esta acreditada casa comercial e desejamos-lhe as melhores prosperidades.

No Meu Cantinho

Na segunda, 19.

Os meus 83 cansam depressa.

Prendeu-me, valentemente, a secção *Dos Livros*.

* * *

Mas foi prisão maior *Ócios de Velho*.

O eminente Joaquim Campo Santo!

Que Escritor e que Poeta!

* * *

Quarta-feira, 21.

Com mil trabucos! Homesta!

Após rijo magicar, supus ser *Jovem Amigo* um *Alguém* da mais funda estimação minha.

Devolvi a esse *Alguém* a 2.ª carta torturante do *Jovem Amigo*.

Vim aqui (em Guimarães) saber, anteontem, que errei a devolução.

Jovem Amigo, que maior tortura?

GERESINO.

AUTO DE S. TORCATO

No Teatro Jordão e por iniciativa da Mesa da Irmandade de S. Torcato, dignamente presidida pelo sr. Conselheiro dr. Raul Alves da Cunha, realiza-se amanhã a exibição do Auto de S. Torcato, sendo ensaiador o sr. João Xavier de Carvalho.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Raínha, Telef. 40424.

TUBOS GALVANIZADOS!...

Unicos importadores no Concelho: 500

A Competidora de Representações, L.da

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Raínha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES

D. Amélia do Nascimento Queiroz Dias de Castro

AGRADECIMENTO

A família da saudosa Amélia do Nascimento Queiroz Dias de Castro, imensamente grata por tantas provas de estima que recebeu, de pessoas amigas, na altura do seu falecimento, vem por este **ÚNICO MEIO**, dada a absoluta impossibilidade de o fazer pessoalmente a todos, como seria seu desejo, manifestar profunda e indelével gratidão a quantos, compreendendo o seu desgosto, dele quiseram compartilhar, apresentando-lhe condolências, tomando parte no funeral da extinta e assistindo à Missa do 7.º dia da sua morte.

Guimarães, 24 de Julho de 1954.

A FAMÍLIA.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"

Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

76) Of. **EDUARDO DE ALMEIDA.**

II

Até que chegamos finalmente às *Taboas Vermelhas*. Tinham este nome de Taboas Vermelhas os privilégios concedidos aos caseiros, lavradores e outros serventes e moradores em terras pertencentes à Igreja de Santa Maria de Guimarães, que veio a chamar-se a Colegiada da Senhora da Oliveira. Vem de longe, é mesmo anterior à fundação da nacionalidade, a concessão de imunidades especiais outorgadas ao cenóbio levantado por Mumadona *ad radicem montis lattito*. (A' custa de esforçada paciência e aturado, como ingrato labor, consegui elaborar uma longa e cuidada anotação dos ao menos principais documentos referentes a esse ponto, que, então como hoje, reputava e reputo ser «uma das páginas mais curiosas, importantes e notáveis da história vimaranense, tanto em geral, como sob o ponto de vista da sua vida religiosa». — *Os Cónegos da Oliveira*, in *Revista de Guimarães*). Julgo ser o primeiro conhecido a carta do Rei Fernando e da Rainha Sancha, dada no ano de 1049, publicada no *Portvgalia* e no *Vimaranis Monvmenta Historica*, e, depois, na era de mil duzentos e quarenta e oito, ou seja no ano de 1210, a do nosso D. Sancho I isentando os canónicos vimaranenses e serventes de suas casas do pagamento de voz e calúnia. O importante é, porém, o Alvará de D. João I, de 1 de Agosto de 1398, que, mais a Provisão de 5 de Abril de 1401, sucessivamente, ao longo dos anos, sob o confirmo de D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, D. Afonso VI, constituem as Taboas Vermelhas: lavradores e caseiros escusos de irem servir por Mar ou em Terra, nem a nenhumas partes (o que abrange o encargo de leva de presos ou dinheiros e géneros, como outros transportes então geralmente em uso frequente); nem lhes tomem filhos ou filhas para servirem (com bastante importância nesses anos também); nem seu pão e vinho ou outra cousa do seu contra a vontade deles, como seus bois e bestas; não paguem as peitas, fintas e talhas, nem nenhuns outros encargos (devendo entender-se vários serviços pessoais que, então, ainda persistiam em voga, mesmo *sem o ar* de servidão ou adscrição e de que, ao fim e ao cabo, mesmo em nossos dias, quer o entendam assim, quer não, restam patentes e nítidos vestígios em uso e abuso). Ora tudo isto se devia afigurar aos olhos do lavrante, com o forte prestígio de que a Colegiada se aureolava, se não bem a maravilha edénica, uma promessa amostradora do paraíso. E' a musiqueta de que — se não há terra tão brava que resista ao arado, não há também homem tão manso que goste de ser mandado. Era, sem dúvida, boa a sombra a que o cultivador se arrumava no doce tanger — doce cantar, mas, deixem lá, que, nem por se dizer que nunca amargou, o doce nos traz muitas vezes amargos de boca. A' custa dos privilégios dados amealhavam-se mais quantiosos proventos: que mãos negras fazem comer pão branco.

Que ateimou sempre afincada em ufania e direito a Colegiada em manter seus privilégios testemunham-no muitos documentos (como alguns dos publicados por *João Lopes de Faria*, em *Arquivo da Colegiada*, na *Revista de Guimarães*); mas, em sua honra se diga, nunca se esquivou a, na hora devida, prestar sem hesitação, até mesmo voluntária e generosamente, seu concurso, com sacrifício, quando o interesse ou a dignidade social o exigiam, e assim o atestam igualmente muitos outros. Nem podia deixar de ser.

Estava na pauta da solfa a catilinária invectivista contra o ominoso apanágio, tão inchado de soberbia e poder, que distinguia e separava com grosseira brutalidade os grandes dos pequenos, como se não todos amassados da mesma argila humana, na cena do mundo — sendo certo que, bem mais tarde, no rodar dos séculos, veríamos rigorosos praxistas na vigorosa defesa do *jus abutendi* como parte integrante do direito de propriedade perfeita! Mas, se remontarmos com a razão àquele tempo, haveremos de reconhecer, sobre a eterna e como universal preponderância dominial do mais forte, em velhas e novíssimas barbarias, idade da pedra, do bronze ou do oiro, como homèricamente ungido de soberania divina, que de mais longe e mais «civilizado», godo ou romano, moiro ou hebreu, nos viera a marca no destino do homem, senhor ou besta de carga, e sobretudo que os grandes — Prelados e Cavaleiros — bem caro preço davam pelo que mais não era se não a própria condição da sua existência. A grandeza estava então em seus próprios actos, o poderio na vitória do feito no temporal, como no cultivo dos sentimentos do espírito. E não poucas vezes mais tarde, e já então não seria invulgar, muitos obteriam apenas como prémio vil a mais desonrosa ingratidão, que chegou a ser traiçoeira e homicida. Apenas quando, no remanso pastoso e lauto da ociosidade, no dissipar orgíaco, escandaloso, na intriga cortesã, eram meras inúteis excelências, reivindicando ou esmolando mais e mais, é que a ostentação do privilégio, decaído no fundamento, se mostrou iníquia e revoltante.

Continua.

DESPORTO

UMA RETIRADA A TEMPO...

Noticiam os jornais da especialidade que o árbitro lisboeta sr. António Rodrigues dos Santos pediu à entidade competente a sua demissão do quadro a que pertencia.

Este juiz de campo é precisamente aquele que dirigiu o último jogo Boavista-Vitória para a «Taça de Portugal», onde o seu trabalho deixou muito a desejar em prejuizo do Vitória, como foi opinião unânime em toda a Imprensa do país.

Folgamos imenso em saber que este árbitro, «um juiz cuja honestidade esteve sempre acima de quaisquer suspeitas, árbitro estudioso e digno e desportista muito distinto» — como se escreve em «A Bola» — entendeu ser esta a altura própria para se afastar desta função desportiva, porventura reconhecendo que a hora estava mesmo indicada para guardar o *apito* no bolso do seu casaco negro de árbitro, onde deve ter ficado me muito bom sítio.

O Vitória de Guimarães que tinha reclamado contra a sua resolução de expulsar o jogador Silveira — seu único jogador a sofrer esta sanção durante a última época — espera agora que lhe seja feita justiça e deseja — cremos nós — sinceramente, ao sr. Rodrigues dos Santos que viva sossegado e tranquilo durante muitos anos junto dos seus e, se assim o entender, fazendo *solos de assobio*, mas sòmente para a sua família.

UM DE NÓS.

Campeonato Regional de Oquei em Patins

Na segunda jornada da 2.ª volta deste campeonato os resultados verificados foram os seguintes:

Vitória, 8 — Gil Vicente, 0; Vianense, 4 — Académico, 2; O. Barcelos, 2 — Tebe, 1. O encontro Famalicense-Taipas foi adiado.

Concluiu-se também o inquérito respeitante aos incidentes do jogo Famalicense-Académico, ainda da 1.ª volta. A Associação Regional atribuiu a vitória regulamentar por 5-0 ao Famalicense por se terem provado faltas disciplinares por parte dos estudantes de Braga. Este Académico de Braga, depois do seu incorrecto proceder no Campeonato de Júniores de Futebol, uma vez mais demonstrou que não sabe ter em conta a boa disciplina desportiva.

O Vitória fez um resultado amplo, mas o seu adversário demasiado débil não lhe criou dificuldades. Os vimaranenses apresentaram novamente uma equipa sem todos os jogadores titulares, o que nos parece pouco justificável. Já não nos referimos à falta de Terroso, pois o seu compromisso com o nosso clube é condicionado pela sua vida profissional. Mas não compreendemos que outro qualquer oquista resolva, a seu belo prazer, fazer uma vilegiatura no estrangeiro precisamente a meio dum campeonato em que se obrigou a representar o clube. A disciplina não é só para os *profissionais da bola*, pois os amadores, mais que aqueles, têm obrigações a cumprir a partir do momento em que assinam um compromisso para alinharem numa equipa de qualquer modalidade.

O Vianense continua firmemente a caminhar para o título e é de facto, como os seus resultados o demonstram, a equipa mais capaz na prova. Isto resulta, segundo informações colhidas, do carinho que a sua Direcção dedica à modalidade e do adestramento técnico que um treinador competente lhe faculta. Para colher é preciso primeiramente semear...

A classificação actual é a seguinte:

Vianense, 26 p. (53-13); Académico, 19 p. (41-16); Vitória, 18 p. (38-26); Taipas, 18 p. (36-29); Tebe, 17 p. (31-28); O. Barcelos, 17 p. (26-32); Famalicense, 14 p. (21-24); Gil Vicente, 9 p. (5-69).

BRANCAS

A acreditada Água de Colónia

Min-Hór

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com princípios essenciais de

MIN-HÓR

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO. NÃO É TINTURA.

280

Vende-se na

FARMÁCIA "HÓRUS" — GUIMARÃES

CONCENTRAÇÃO CAMPISTA durante as FESTAS GUALTERIANAS

O Desporto, por meio duma das suas actividades mais salutares, aparece, pode-se dizer pela primeira vez, nas Festas Gualterianas. O Grupo Campista Vimaranense «Aqui Nasceu Portugal» tomou a iniciativa de concentrar em Guimarães, durante as Festas Gualterianas, vários grupos do País, numa demonstração de vitalidade para este desporto. Pode ser que ainda este ano o número de campistas não seja excepcional, mas dado o brilho das festas, nos anos futuros temos a certeza que esta concentração atingirá números e nome de alto relevo.

Feticitamos a Comissão das Festas pelo patrocínio dado à iniciativa e por a ter incluído como número no programa geral das mesmas.

Desporto e confraternização

Dando sequência a uma festa que vem de há 15 anos, realizou-se no passado domingo, na Penha, o tradicional campeonato de chincalhão, a que sempre concorrem os mais categorizados adeptos desse desporto, o qual foi precedido do costumado almoço de confraternização, que teve lugar no hotel daquela estância e reuniu mais de meia centena de convivas. Ao repasto presidiu o venerando vimaranense, professor sr. José Luís de Pina, tendo na altura própria brindado o sr. António Faria Martins, membro da comissão de honra da festa, o qual se congratulou pela forma como estas reuniões têm decorrido, saudando os convivas.

Na mesma ordem de ideias usou da palavra o sr. Carlos Salazar. Depois seguiu-se um animado acto de variedades, em que alguns dos presentes se exibiram com brilho em guitarradas, fados, canções, etc.

Após isso procedeu-se à nomeação das comissões para o ano de 1955, que ficaram assim constituidas: Comissão de honra, José Luís de Pina e António Faria Martins; Comissão promotora, António Faria Martins, Francisco Ribeiro de Castro, Domingos de Almeida Ribeiro, Lucínio Afonso Barbosa de Oliveira, João Carlos Vieira de Andrade, Fernando Alberto Miranda Júnior, Alexandre Rodrigues e António de Oliveira; Juízes da festa, João Francisco da Costa, Francisco Machado e António da Silva Barbosa.

Deu-se depois início ao campeonato de chincalhão, que despertou o maior interesse e no qual foram disputadas quatro taças de prata e dois cinzeiros do mesmo metal. Ao fim de várias eliminatórias, classificaram-se em primeiro lugar, Elísio Abreu e Manuel Marques; em segundo, Domingos de Almeida Ribeiro e Joaquim de Almeida; em terceiro, Amílcar Lopes e João Rodrigues.

FLATEVAR

PINTURA MATE LAVÁVEL ANTISSÉPTICA

38 CORES 204

Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira

Depositários: João Garcia & C.a, L.da

GUIMARÃES

MÁRIO COSTA & C.A, L.DA

PORTO LISBOA

Festas da Cidade

Continuação da 1.ª página

bristas, malabaristas, papa léguas, boxeurs, atletas, oquistas, corredores.

Carro «A Flora» — (Dedicado aos nossos ilustres forasteiros). «Flora Deusa das Flores e dos Jardins», ninfa das ilhas afortunadas foi amada por *Zephyiro* que a fez mãe da Primavera.

Figurado — Pavões, pernaltas, galo, perú, cestos com patos, cestos com galos, coelhos, fazendeiros, Rusga Regional Folclórica.

Carro «As Pontes e Canais de Veneza» — (Dedicado à Imprensa e Homens de Letras). «Veneza», cidade italiana dos canais e das Gôndolas com os namorados e trovadores.

Figurado — Banda de Música, Adelaides, Papos Secos, palradores, figuras isóticas, Pereirinha, Patchon, Pat, Bucha, Estica, palhaços (figurado vivo), esqueleto, peixes, pescadores, vareiras, vareiros.

Carro Neptuno (Rei dos Mares) — (Dedicado a Sua Excelência o Sr. Ministro da Marinha e a todos os navegadores e marinheiros portugueses). «Neptuno», Rei dos Mares, é conduzido na sua concha por dois gigantescos Cavalos Marinhos e rodeado pelo seu séquito de «Sereias» que emergem das ondas alterosas do mar encapelado.

Figurado — Varredores, sapateiros, amoladores, criados de mesa, cozinheiros, porquinhos, gatos e gatas, lobo, porquinhos (número vivo).

Carro «Bailado das Horas» — (Dedicado às gentis Damas). «Fantasia Artístico-Musical» em que não lhe falta a graciosidade de estonteante bailarina num ritmo cadenciado pelas horas do seu relógio monumental.

Figurado — Sécias, Damas à Luís XV, Cavalheiros à Luís XV, Baronesa de Jácástá, Barão de Jácástá, Alto Elogio, Senhor Severo, Amas Secas, Artistas Regionais, Conde de Jácásteve, Tremuras (figurado vivo).

Carro «Caracol vai pra Férias» — (Dedicado aos Fundadores da Marcha Gualteriana). O «Caracol» foge da estiagem e resolve ir gozar as brisas do mar, fazendo-se acompanhar dos seus amigos «Anões».

Figurado — Banda de Música, elefantes, Branca de Neve, Sete Anões, mascote, periquitos, araras, faizões, cegonhas, mochos, pelicanos, poupas, Festada Regional, patos, pica-paus, cardiais.

Carro «Portugal na Índia» — (Na Índia também existem Portugueses há mais de 400 anos). Guimarães, Terra Mater de Portugal, dedica aos seus irmãos de sangue em terras distantes da Índia, como preito da sua homenagem e admiração, pelo seu heróico patriotismo de bons Portugueses que são. (Nas Naus das conquistas é transportado o glorioso Padrão das Descobertas) levantado por possantes marinheiros sob as bênçãos de Deus em Terras da Índia. Ao centro vê-se a cena histórica da resposta que Afonso de Albuquerque deu aos emissários do rei de Ormuz, ao fundo a audiência que Samorim deu ao Gama.

Figurado — Músicos orientais, bailadeira oriental, chinesa, bailarinos, macacos com ananás, bobo, pretos, pretas, batuque (figurado vivo), bandarilheiros, forcados, capinhas, toiro.

Carro Bombas Voadoras — Dedicado ao glorioso exército de Terra, Mar e Ar.

Banda de Música.

*

As amplificações sonoras são cedidas pela Firma Vimaranense A. Gouveia.

O guarda-roupa dos carros é fornecido pela Casa Valverde, do Porto.

Ampare, ajude e propague a defesa dos animais, mandando a sua inscrição de sócio à Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade.

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI

60

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.A

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO* com *Armazém de Retem e Depósitos* (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 12

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES

CONCURSO PÚBLICO PARA A EXECUÇÃO DA EMPREITADA DE

"Adaptação da Cave do Pavilhão de Infecto-Contagiosos a Lavandaria do Hospital de Guimarães"

ANÚNCIO

Faz-se público que no próximo dia 20 de Agosto de 1954, pelas 15 horas, na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, se há-de proceder ao concurso público, perante a Mesa Administrativa, para adjudicação da empreitada de «Adaptação da cave do Pavilhão de Infecto-Contagiosos a Lavandaria do Hospital de Guimarães».

Base de licitação. 103.520$00
Depósito provisório. . . . . 2.588$00

O modelo da proposta, caderno de encargos, desenhos e condições do concurso podem ser consultados todos os dias úteis, às horas do expediente, na sede da Comissão de Construções Hospitalares, na Avenida António Augusto de Aguiar, 19-2.º, em Lisboa, ou na Secretaria desta Santa Casa da Misericórdia.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, em 19 de Julho de 1954.

315

O Provedor,

Mário de Sousa Meneses.

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio, Rua do Anjo n.º 31, próximo ao Toural. Falar Camisaria Martins. 314

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

8

Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.A, L.DA

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404} PORTO

ADUBOS-QUÍMICO-ORGÂNICOS "SEIVA"

À BASE DE FARINHA DE PEIXE

NITROPHOSKA — BASF

NITRATO DE CAL — BASF

Insecticidas, Fungicidas e Molhantes **BASF** para todas as culturas, tendo sempre stocks no armazém da conceituada Indústria Química Alemã. BADISCHE ANILIN & SODA — FABRIK A. G.

Vinhos tintos e brancos engarrafados e de pipa da afamada região de Basto, da Quinta da «Avelosa».

Vende aos melhores preços o seu proprietário

JOÃO PASSOS BASTOS

nas suas instalações no Largo do Trovador n.os 38-45, nesta cidade.

TELEFONE N.º 40224.

320

Ofertas e Procuras

VENDE-SE Os herdeiros de Manuel de Castro da Silva Sampaio, por motivo de partilhas, vendem o Lameiro situado na travessa da Caldeirôa. Informa Manuel Lage da Castro Sampaio, Rua Conde de Arnoso, n.º 4-2.º Dt.º — Guimarães. 307

VENDE-SE Na Póvoa de Varzim, prédio devoluto com 3 frentes e garagem, Rua Santos Minho, 14 e Rua Luís de Camões, 17, com todos os requisitos modernos, próprios para dois inquilinos, com entradas independentes.

Falar, Rua José Malgueira, 27. 290

Terrenos Vendem-se na Av. Alberto Sampaio e Rua Abade de Tagilde. Informa a a Fábrica de Vila-Flor, Telf. 4303. 311

Casa bem situada VENDE-SE nesta cidade, com vários aposentos, água e luz, quintal com árvores de fruto, garagem, etc.. Falar na rua Elias Garcia, n.º 55. 313

GUARDA-LIVROS Ainda colocado, oferece-se dando todas as referências. Resposta a esta Administração. 312

Vendem-se por motivo de falecimento de uma pessoa de família, 1 prédio com 16 divisões; um salão com 40 × 17, bem assim com todos os aparelhos para serralharia mecânica, e um automóvel marca «Morris» 10 c. em estado de novo. Facilita-se o pagamento. Informa esta redacção. 306

CARTEIRA DE BOLSO Numa visita a esta cidade de um visitante perdeu uma carteira com uma avultada importância e documentos. Pede-se qualquer informação sobre o assunto visto os documentos serem de muita importância a Manuel Amaral Tomás Júnior, Avenida do Aeroporto — Lote 6-A — r/c D. Lisboa. 319

Admitem-se aprendizes para electricista, com idade entre os 16 e 18 anos. Dirigirem-se ao Largo 28 de de Maio, 78 - 1.º. 318

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

Em INSTALAÇÕES de

AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.

REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.

RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 43 — TEL. 4689

GUIMARÃES

22

PARA UMA DOENTE

Encontra-se em Lisboa, a receber tratamento no Instituto de Oncologia, uma mulher de Guimarães, mãe de cinco filhos, todos eles de tenra idade.

O marido, humilde trabalhador, sem quaisquer recursos, a não ser o mísero salário, apela, por intermédio do nosso jornal, para os sentimentos de caridade dos seus conterrâneos, pois só o concurso de benemerência poderá evitar a interrupção do tratamento.

Aqui deixamos o apelo, na esperança de que ele encontrará eco no coração dos nossos leitores.

Transporte . .	975$00
Recebemos mais:	
D. N. A. R.	50$00
A transportar . .	1.025$00

CASA ESTRELA

SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123

Junto à Marisqueira) 185

Consertos e limpesas de calçado

Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, L.da

R. da Raínha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES 299

AGRADECIMENTO

Eduardo Pereira Gonçalves, morador na Rua Cap. Alfredo Guimarães, desta cidade, vem por este meio e mui respeitosamente testemunhar a sua maior gratidão ao Ex.mo Sr. Dr. Gonçalo Leite de Faria, pelo grande desvelo e proficiência com que tratou seu filho José Ferreira Gonçalves, que actualmente se encontra completamente restabelecido.

Guimarães, 15 de Julho de 1954. 316

Casa dos Pobres

A bem dos que mais precisam dos benefícios desta Instituição de Caridade, está a proceder-se a uma revisão da situação económica dos beneficiários, o que, com certeza, deverá afectar os que estão a receber em prejuízo de outros mais necessitados que continuam a aguardar a oportunidade de serem atendidos.

Não se trata, pois, de restringir a acção assistencial, mas sim de tornar esta tão perfeita quanto possível, de molde, portanto, a evitar injustiças, embora involuntárias.

Faz-se este esclarecimento a título de prevenção contra quaisquer rumores que possam desvirtuar o fim que se deseja atingir.

Casa dos Pobres de Guimarães 22 de Julho de 1954.

Mário de Sousa Meneses

1.º Secretário.